

# O ataque do Império



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

A Segunda Guerra Mundial, quando o governo de Washington percebeu que os nazistas poderiam vencer o combate no norte da África e avançar para invadir o nordeste brasileiro, restaram três opções para proteger o Atlântico sul: mandar tropas para o nordeste do Brasil, fomentar uma revolução nacionalista como foi realizada no Panamá ou fazer um acordo com o governo Vargas. A solução do presidente Roosevelt foi fazer acordo com o governo brasileiro. A empresa Pan American foi encarregada de construir aeroportos no norte e nordeste brasileiro. A base aérea de Natal foi a maior das forças armadas norte-americanas fora de seu território antes da invasão da Europa.

Donald Trump jogou no lixo a tradição de bom entendimento entre Brasil e Estados Unidos. Sempre houve respeito às posições do outro, mesmo quando antagônicas. O Brasil, de um dia para outro, passou a ser o país mais atingido pelas tarifas impostas pelo bronzeado presidente dos Estados Unidos. E pior que em nome de um problema político: ele defende, com argumentos confusos, a permanência de Jair Bolsonaro na política brasileira, que estaria sendo injustamente punido numa suposta caça às bruxas.

Os bolsonaristas, de todos os tamanhos e quilates, vão pagar um preço muito elevado pela ação destrambelhada do presidente dos

Estados Unidos. Neles vai pegar, com facilidade, o rótulo de entreguistas por terem fomentado a cizânia entre os dois países e prejudicado fortemente a economia nacional. Isso significa prejuízos financeiros e desemprego em larga escala. O agronegócio brasileiro será fortemente punido pela ação de seus principais líderes. Não há desculpa para quem, no exterior, se une ao agressor em prejuízo dos nacionais. É uma traição pesada.

A imposição de tarifas deveria ter uma justificativa econômica. No caso do Brasil, não possui. É apenas um capricho do presidente bronzeado que tenta proteger um candidato que perdeu as eleições e planejou um golpe de Estado que incluía o assassinato do atual presidente da República. Haverá outros capítulos dessa densa novela, porque Trump avança e recua com facilidade. Age por cima da sua diplomacia, não ouve os conselhos do Departamento de Estado e ignora os embaixadores. Ele é a nova versão do Rei Luiz XIV, da França: “O Estado sou eu”.

Ferrovia bioceânica — Os governos do Brasil e da China assinaram, semana passada, memorando de entendimentos para iniciar os estudos destinados a produzir o audacioso projeto da ferrovia que deverá atravessar o Centro-Oeste e chegar ao Porto de Chancay, ao norte de Lima, no Peru. É uma aventura de bom tamanho. Coisa de mais de seis mil quilômetros de extensão, se de fato forem realizadas as conexões de Ilhéus, na Bahia, onde está sendo construído um novo porto.

É uma obra imensa e audaciosa. Vai atravessar a área mais pobre esquecida do Brasil, que será transformada em importante corredor de exportação e importação. É um meio de levar progresso ao noroeste brasileiro, região pobre e esquecida há séculos. Os chineses

pretendem colocar para funcionar o superporto que construíram no Peru, destinado a receber produtos do Centro-Oeste brasileiro e da costa do Pacífico da América do Sul. No futuro, quando a ferrovia estiver concluída, o porto será utilizado para importações e exportações chinesas e de várias empresas que poderão se instalar em território peruano, ou ao longo da estrada de ferro, para aproveitar as vantagens de um porto aberto para os países da Ásia.

É difícil fazer previsões neste momento inicial, quando as primeiras estimativas começam a ser construídas. Mas é obra para mais de cinco anos, se não ocorrerem os tradicionais problemas de verba e desvios de recursos, esta ferrovia vai ligar o Brasil e de leste a oeste e fará o cruzamento com a norte-sul. Ou seja, praticamente todo o território nacional estará ligado aos principais portos do Atlântico e do Pacífico. Brasil e China são hoje os grandes parceiros comerciais. Essa é uma obra que tem o poder de multiplicar o potencial da economia brasileira e seu poder exportador.

O projeto previsto sai de Ilhéus, Bahia, passa por Mara Rosa, na Chapada dos Veadeiros, e segue para Lucas do Rio Verde, Goiás. De lá, caminha para Porto Velho, Rondônia, em seguida, Rio Branco, no Acre, e depois entra no território peruano. Até a cidade de Puerto Maldonado a dificuldade é a floresta tropical. A partir daí, inicia-se a subida da Cordilheira dos Andes, que pode ultrapassar quatro mil metros de altitude. Em seguida, a ferrovia chega a Cuzco. Daí, caminha para o norte em direção a Lima. O Porto de Chancay se situa a 80 km da capital peruana. A delegação chinesa andou pelo Brasil. Visitou Ilhéus e conheceu as obras da ferrovia que ligará aquela cidade a Caetité, no sertão baiano, parte desse grande projeto interoceânico.

# Da boca ao pulmão: julho é o mês de olhar além

» DIEGO CHAVES REZENDE MORAIS  
Radio-oncologista do Grupo Oncoclínicas Recife e do Hospital Santa Águeda (PE), membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Radioterapia



» MELISSA MEDEIROS  
Fundadora e presidente voluntária da Associação Brasileira de Câncer de Cabeça e Pescoço (ACBG Brasil)

Quem nunca teve uma afta, ferida na boca que demora a cicatrizar, desconforto na garganta ou uma rouquidão persistente? Sintomas aparentemente simples, que fazem parte da vida de qualquer pessoa em algum momento, mas que podem ser o primeiro sinal de algo mais sério. Essa é a realidade de milhares de brasileiros que, muitas vezes, demoram a receber o diagnóstico de câncer de cabeça e pescoço — um grupo de tumores que, apesar de ter altos índices de cura quando descobertos precocemente, ainda é, na maioria dos casos, identificado em estágio avançado. Ao apresentar esses sintomas por três semanas ou mais, o recomendado é buscar orientação médica.

O Julho Verde é uma campanha mundial de conscientização sobre os cânceres de cabeça e pescoço e, neste ano, ganha ainda mais força com o tema Da boca aos pulmões: Inspire prevenção. Expire saúde, promovido pela Associação Brasileira de Câncer de Cabeça e Pescoço (ACBG Brasil). E a conexão entre esses cânceres não é apenas pelos órgãos em questão, como também se faz presente nos fatores de risco e nos desafios que cercam o diagnóstico precoce dessas diferentes doenças.

A projeção da OMS é que o câncer será, até 2030, a doença que mais mata no mundo. No Brasil, os dados também são alarmantes: em 2050, poderemos registrar cerca de 554 mil mortes anuais por câncer, um aumento de quase 99% em relação a 2022, quando ocorreram 279 mil óbitos. Dados do Instituto Nacional de Câncer (Inca) apontam mais de 40 mil novos casos anuais de câncer de cabeça e pescoço, além de aproximadamente 32 mil casos de câncer de pulmão. E um dos principais responsáveis segue sendo o mesmo vilão de sempre: o tabagismo.

O cigarro não afeta apenas os pulmões, como muitos pensam. Ele corrói silenciosamente a mucosa da boca, da garganta, da laringe, da faringe e dos seios da face. E não para por aí. Dispositivos que vêm ganhando popularidade, como cigarros eletrônicos, vapes e narguilés, também são altamente prejudiciais. Vendidos sob a falsa promessa de serem “menos nocivos”, eles carregam elevadas concentrações de nicotina e outras substâncias tóxicas, que geram alta dependência e causam danos significativos à saúde ao longo do tempo. Vale lembrar ainda que o álcool, quando combinado ao tabaco, potencializa ainda mais esse risco.

Além do impacto do tabagismo, assistimos também ao crescimento dos casos de câncer de orofaringe relacionados ao HPV (papilomavírus humano), que pode acometer amígdalas e base da língua. A boa notícia é que essa é uma doença que pode ser evitada com uma medida simples: a vacinação contra o HPV, indicada para meninas e meninos de 9 a 14 anos. A proteção é extremamente eficaz quando aplicada antes do primeiro contato com o vírus. Em 2024, o Ministério da Saúde atualizou o protocolo, passando de duas doses para dose única, o que facilita o acesso e amplia a cobertura vacinal para ambos os sexos.

Parece uma equação simples: não fumar e se vacinar. Duas estratégias altamente eficazes para reduzir significativamente o risco de câncer. Mas, na prática, a realidade é bem mais desafiadora. O Brasil ainda enfrenta uma baixa adesão à vacina contra o HPV, mesmo ela estando disponível gratuitamente no SUS. A maioria desses cânceres segue sendo diagnosticada em estágios avançados, mas, quando descobertos no início, as chances de cura ultrapassam 80%, com tratamentos menos agressivos e que impactam menos a qualidade de vida. E, para isso, a atenção aos sinais de alerta faz toda a diferença: feridas na boca que não cicatrizam em 15 dias, manchas esbranquiçadas ou avermelhadas na língua e/ou face interna das bochechas, dificuldade para mastigar ou engolir, rouquidão persistente, nódulos no pescoço, tosse prolongada ou falta de ar inexplicável precisam ser levados a sério e investigados por especialistas.

Quando o câncer é diagnosticado, a radioterapia se torna uma grande aliada. Seja isoladamente ou combinada à cirurgia e/ou à quimioterapia, ela desempenha um papel fundamental no controle da doença. Com as tecnologias atuais, é possível direcionar a radiação de forma extremamente precisa, preservando ao máximo os tecidos saudáveis ao redor do tumor. Isso tem impacto direto na preservação de funções essenciais — como fala, mastigação e respiração.

O mesmo conceito vale para o câncer de pulmão, especialmente para pacientes que não têm indicação cirúrgica. Nesses casos, técnicas como a radioterapia estereotáxica oferecem boa possibilidade de controle local da doença, com menos sessões e excelentes resultados.

Apesar de todos os avanços da medicina, o acesso continua sendo um dos maiores desafios no Brasil. A falta de informação, a baixa adesão às campanhas de conscientização e as longas filas para diagnóstico e tratamento são barreiras que seguem custando caro — custam vidas.

É por isso que a ACBG Brasil e a Sociedade Brasileira de Radioterapia (SBRT) se unem. É preciso que tudo isso chegue a todas as pessoas. É preciso que haja informação de qualidade, acesso às vacinas, prevenção, diagnóstico e tratamento em tempo.



# O ódio é mais antigo que o amor e engaja muito mais



» ELIANE MARQUES  
Escritora e psicóloga

Em fevereiro deste ano, Mister Hugh — nome fictício — postou um vídeo no qual sou entrevistada por um veículo de comunicação acerca da importância da atividade física para pessoas racizadas. Na ocasião, eu participava de uma maratona organizada pelo coletivo Corre Preto. No vídeo, em tom agressivo, ele diz, aos gritos, que “nem me conhece” e que meu modo de falar parecia o de “uma cabra indo para o abate num terreiro de macumba”. Muitos dos seus milhares de seguidores fizeram piadas e o parabenizaram pela lucidez em face de meu mimimi.

Em 25 de junho, sob o fundamento de que evidência ofensa pura e simples, capaz de atingir a dignidade, o juiz titular da 2ª Vara Cível de Porto Alegre concedeu-me tutela de urgência para que o Facebook e Mister Hugh retirassem a postagem.

Das outras vezes em que recebi ataques, respondi diretamente ou ignorei. Mas, dessa vez, não foi o caso. Nas primeiras semanas, envergonhada, eu me escondi; não saí de casa, não pude olhar para as pessoas nem entregar trabalhos. Eu tinha a certeza paranoica de que riam ao enxergar em mim a cabra anunciada. Se eu fosse branca, homem e supostamente cristã, as palavras cabra e

macumba, mastigadas com um prazer quase pornográfico por Hugh e sua audiência, não teriam sido cuspidas com tanta facilidade sobre minha pele.

Ele também é racizado, embora não esteja na minha pele. A discursividade que forja, no citado vídeo, evidência a tese de que o “eu” se distingue do outro, rejeitando-o e o tomando hostil e, por conseguinte, odiando-o. Em sentido estrito, amor não se opõe ao ódio. Pelo contrário, em conjunto, como se fossem unha e carne, opõem-se à indiferença, estágio originário do “eu”. Nesse tempo de formação, todo prazeroso — amado — é vivido como “eu”. De outro lado, todo doloroso é vivido como outro, por isso hostilizado e odiado.

Contudo, desde a modernidade o “eu” se faz racizado (raça social tomada como “defeito de cor”). Ao “eu” se junta à palavra raça, que o transforma em “Eu-pele”. Cabra e macumba, no contexto em que aparecem, remetem à constante fabricação e renovação discursiva do Eu-pele pelo processo de bestialização das mulheres negras. Trata-se de um movimento sociopolítico que aproxima, quem faz uso de tais predicativos, da iluminada família europeia — a lucidez não está aí gratuitamente — e o distancia de uma África imaginária, berço familiar da acusada de ser uma besta.

Isso tudo em face de que o “Eu-pele” estabelece com o outro uma familiaridade racial imaginária, ainda que contra sua vontade consciente. Tal familiaridade, quando se trata de segmentos racizados, dispara o sentimento de alguma forma de amor ou faz retornar aquele ódio constitutivo do “eu”. No caso que compartilho com vocês, o sentimento despertado foi o último, expresso diretamente como

agressão socialmente compartilhada. Em outras situações, o ódio pode assumir a forma contida, manifestada num mal-estar pessoal e social do qual disfarçamos a origem.

A adoção de um ponto de diferença isolado, a voz de cabra, e os gritos de “eu nem te conheço”, constituem os termos que buscam interromper a relação de familiaridade racial que o “Eu-pele” de Mister Hugh busca denegar. Geralmente, a discursividade de que se fala não faz outra coisa senão restituir a binaridade histórica entre a bestializada e o civilizado, colono e colonizado, Europa e aquilo que ela e sua linhagem instauraram como “cabra”.

Mas, parafraseando Lélia González, agora, é tarde, reapropria a melancolia inicial, a cabra continuará falando. No ato de denegar, ouvimos em Hugh a fala de um racial primeiro, aquele que funda a modernidade a partir da escravização e do processo de enegrecimento que a condensa e a desloca, não para romper, mas para manter o outro no mesmo. O racial primeiro permanece como resíduo do qual o sujeito não sabe nem quer saber, mantendo-se como um pingo de munga (sangue em quimbundo) no terno inglês, comprado de um alfaiate da Rua das Lavadeiras. O terno será usado por Mister Hugh na festa de casamento com a branquitude, a fim de continuar servindo melhor, agora como “se fosse da família”.

Mas resíduo do quê? Na dimensão inconsciente, são os resíduos de uma história racial e do racismo de cada um/uma, efeitos de uma narrativa sociopolítica que reiteradamente volta a se inscrever e receber aplausos. Por fim, desconfio que Mister Hugh mantenha um vínculo totemico com as cabras. Mas farei disso em outro artigo.